



Harmonia pluriforme: a proposta da sinodalidade à luz da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*

Pluriform harmony: the proposal of synodality in
the light of the Apostolic Exhortation *Evangelii
Gaudium*

*Vilmar Dal Bó Maccari**

FACASC

Recebido em: 06/07/2022. Aceito em: 14/08/2022.

Resumo: *O presente artigo consiste em apresentar a proposta da sinodalidade invocada pelo Papa Francisco como um caminho de harmonia pluriforme à luz da Exortação Apostólica Evangelii Gaudium. Trata-se, metodologicamente, de evidenciar os quatro princípios contidos na Evangelii Gaudium que orientam especificamente o desenvolvimento da convivência social e a construção de uma proposta de sinodalidade onde as diferenças se harmonizam dentro de um projeto comum.*

Palavras-chave: *Sinodalidade. Harmonia Pluriforme. Projeto Comum.*

Abstract: *This article is to present the proposal of synodality invoked by Pope Francis as a path of pluriform harmony in the light of the Apostolic Exhortation Evangelii Gaudium. It is methodologically about highlighting the four principles contained in Evangelii Gaudium that specifically guide the development of social coexistence and the construction of a synodality proposal where differences are harmonized within a common project.*

Keywords: *Synodality. Pluriform Harmony. Common Project.*

* Doutorando em Ciências Econômicas e Políticas (Instituto Universitário Sophia, Incisa Figline Val D'Arno, Itália). Mestre em Estudos Políticos e Moral Social (Instituto Universitário Sophia, Incisa Figline Val D'Arno, Itália, 2014). Bacharel em Teologia (Instituto Teológico de Santa Catarina – ITESC, Florianópolis, SC, 2011). Graduado em Engenharia de Produção (UNISUL, Florianópolis, SC, 2005). Professor da Faculdade Católica de Santa Catarina – FACASC. Assessor Parlamentar na Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina.

E-mail: vilmardalbo@gmail.com.



Introdução

A sinodalidade como uma proposta de harmonia pluriforme e de promover uma comunhão dinâmica, aberta, missionária e misericordiosa é objeto central do presente artigo. Nesse intuito, situa-se a proposta de uma renovação eclesial inadiável que aponta para um estilo de vida que implica capacidade de viver juntos e de comunhão, aliado ao desejo inexaurível de oferecer misericórdia.

Contudo, a sinodalidade compreendida como harmonia pluriforme é uma das interpretações que pode ser captada à luz da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (A alegria do Evangelho), do Sumo Pontífice Francisco, no entanto, esta compreensão precisa cuidadosamente ser clarificada.

O Papa Francisco, na referida encíclica, apresenta-nos quatro princípios, relacionados com quatro tensões polares, que servem como parâmetros de referência para avançar na construção de um povo e de uma Igreja em paz, com as portas abertas e capaz de sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas e oferecer misericórdia. Um estado permanente de *Ser* e de *Dar-se* onde as diferenças se harmonizam dentro de um projeto comum. Os quatro princípios enunciados pelo Papa Francisco são: *o tempo é superior ao espaço, a unidade prevalece sobre o conflito, a realidade é mais importante do que a ideia, o todo é superior à parte.*

Metodologicamente o presente artigo está dividido em três seções: **(1)** *Francisco de Roma e a proposta de uma Igreja sinodal* que abordará a base epistemológica do pensamento do Papa Francisco e sua compreensão sobre o sentido da sinodalidade; **(2)** *os quatros princípios para um estado permanente de sinodalidade*, compreendidos à luz da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, e por fim, **(3)** *a sinodalidade como harmonia pluriforme*, uma leitura feita a partir da ideia do poliedro convergente, pastoralmente assumida pelo Papa Francisco.

O presente artigo é o resultado de uma pesquisa bibliográfica, conceitual, exploratória de abordagem qualitativa, que se harmoniza dentro da proposta de compreender a sinodalidade como uma harmonia pluriforme centrada nos princípios contidos na *Evangelii Gaudium*, que quando assumidos com convicção, podem referenciar um verdadeiro caminho para a paz e a comunhão dentro da Igreja, de cada nação e no mundo inteiro.



1 Francisco de Roma e a proposta de uma Igreja Sinodal

Muito se especulou sobre o nome escolhido pelo cardeal Jorge Mario Bergoglio ao ser eleito bispo de Roma. Segundo Edelcio Ottaviani, professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, o Papa Paulo VI (1897-1978), teria dito que dificilmente o nome Francisco seria atribuído a um papa por causa da incongruência dos protocolos pontifícios e da riqueza cultural e arquitetônica que orbitam um sumo pontífice. Porém, quebrando todos os paradigmas, Bergoglio assume essa contradição para operar por dentro a renovação da Igreja e, particularmente, da Cúria Romana.¹ Fazê-la interpelar-se pela longa tradição dos profetas da caridade, que se preocuparam com a justiça social e se fizeram próximos dos excluídos e dos abandonados, levando muitas vezes, uma vida despojada e ascética.²

Para o teólogo Leonardo Boff, Francisco não é apenas um nome, mas sim, um projeto de Igreja – pobre, simples, evangélica e destituída de todo o aparato.³ Ou seja, um programa necessário para que a Igreja cumpra o seu papel de facilitadora, e não de complicadora, da mensagem salvífica de Cristo. Neste sentido, escreve o professor Edelcio Ottaviani: Francisco convida o povo a caminhar em comunhão com o seu bispo, e o bispo em comunhão com seu povo, numa relação de fraternidade, amor e confiança mútuos, estabelecendo um caminho de mão dupla, em meio ao qual as diversas instâncias eclesiais são chamadas a se ajudar, e não a dominar e oprimir.⁴

Como percebemos, os gestos e linguagem de Francisco revelam um papa que quer ser simples em uma Igreja pobre com os pobres dentro de uma proposta sinodal alinhada com as exigências de um mundo mais plural e globalizado.

A sinodalidade pensada e desejada por Francisco é reflexo de um perfil eclesiológico de comunhão. Trata-se de um paradigma trinitário que desenha um plano de relação e salvação de “uns em direção a todos e de todos em direção a cada um, sem esquecer que o todo é superior

¹ Cf. OTTAVIANI, E. Apontamentos sobre o pontificado do papa Francisco. In: *Vida Pastoral*, 58, n. 316, 2017, p. 12.

² Cf. OTTAVIANI, 2017, p. 13-14.

³ Cf. BOFF, L. *Francisco de Assis e Francisco de Roma: uma nova primavera na Igreja*. Rio de Janeiro: Mar de ideias, 2014. p. 51.

⁴ OTTAVIANI, 2017, p. 14.



a parte”.⁵ Reflexo de uma Igreja integradora no mistério trinitário e comprometida em “sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas,”⁶ “reconhecê-los e buscar o seu bem”⁷.

O papa Francisco aponta para a proposta de sinodalidade centrada em um modelo de ação pastoral guiada por “um desejo inexaurível de oferecer misericórdia”⁸. E com consequências pastorais: uma Igreja aberta a todos; pensada como um hospital de campanha, pronta para salvar os feridos como que num campo de guerra; Igreja de saída, alicerçada em uma pastoral sem muros.

A sinodalidade que nos apresenta Francisco é decorrente de uma antropologia encarnada e de uma cultura do encontro em que “a verdadeira fé no Filho de Deus feito carne é inseparável do dom de si mesmo, da pertença à comunidade, do serviço, da reconciliação com a carne dos outros”.⁹

É diante das relações novas geradas por Jesus Cristo, ou que tenha a centralidade da pessoa de Jesus Cristo, que se estabelece o sentido de sinodalidade como uma identidade e missão da Igreja. Como acentua o teólogo e professor Edelcio Ottaviani, uma relação de comunhão, fraternidade, amor e confiança em todas as instâncias eclesiais. Um modo de *ser, ver, sentir e pensar* que faz estender ao mundo esse mesmo espírito de sinodalidade, traduzido num sentimento de pertença e de que habitamos em uma mesma Casa Comum.

Contudo, a compreensão de uma Igreja sinodal, refere-se antes de tudo, à natureza ontológica da Igreja, a um modo de *Ser*, a um estilo de vida e missão, que implica a capacidade de viver juntos e de comunhão. Portanto, revela a iminente realidade de que é necessário voltar a sentir que precisamos uns dos outros, que temos uma responsabilidade para com os outros e o mundo: “com a sua presença física que interpela, com seus sofrimentos e suas reivindicações, com a sua alegria contagiosa permanecendo lado a lado”¹⁰. Assim, só poderemos falar de uma fraternidade universal quando, a partir das mais diversas instâncias eclesiais, formos

⁵ OTTAVIANI, 2017, p. 18.

⁶ FRANCISCO. *Carta Evangelii Gaudium. Sobre a alegria do Evangelho*. Paulus: São Paulo, 2013. EG, 46.

⁷ FRANCISCO, 2013, EG, 9.

⁸ FRANCISCO, 2013, EG, 24.

⁹ FRANCISCO, 2013, EG, 88.

¹⁰ FRANCISCO, 2013, EG, 88.



capazes de ultrapassar as nossas “resistências interiores,”¹¹ e “superar as inimizades e a cuidar dos outros”¹². Desta forma, a sinodalidade nos provoca a construir uma grande família na qual todos nós podemos nos sentir em casa.¹³ Onde toda a existência e o fundamento da vida social e eclesial são projetados na realização da fraternidade humana.¹⁴

Porém, ao exortar para que se reflita a sinodalidade ao interior da Igreja e sua missão no mundo, Francisco, aponta para alguns desafios do mundo atual que necessitam de um discernimento evangélico, tais como: as consciências isoladas, o comodismo paralisante, a crise do compromisso comunitário, o indiferentismo, o relativismo, o subjetivismo e os pensamentos desligados da realidade. Algo que acredita como sendo um vazio deixado pelo racionalismo secularista.¹⁵

A sinodalidade reflete a intimidade da Igreja com Jesus, que é uma intimidade de comunhão, reciprocidade e participação: uma estrutura propriamente trinitária, chave da nossa existência e realização.¹⁶ Assim, a Igreja e sua vocação de fidelidade a Jesus Cristo, compartilha com compaixão as esperanças e os sofrimentos da humanidade, como contempla os sofrimentos e as esperanças de Cristo e nos convida a descobrir Jesus no rosto dos outros, na sua voz, nas suas reivindicações, e aprender também a sofrer em um abraço com Jesus Crucificado.¹⁷

O convite à vivência para uma sinodalidade eclesial indica-nos o desafio de tentar ler a realidade em chave trinitária. Trata-se de assumir na própria existência e missão da Igreja aquele dinamismo que Deus imprimiu nela desde a sua criação: “toda realidade contém em si mesma uma marca propriamente trinitária”¹⁸.

O papa Francisco, contudo, ao refletir sobre a sinodalidade, o faz com base em um estatuto epistemológico que revela-nos seu processo formativo e intelectual. O pensamento humanitário, pastoral e eclesial do

¹¹ FRANCISCO, 2013, EG, 91.

¹² FRANCISCO. *Encíclica Fratelli Tutti. Sobre a fraternidade e amizade social*. Paulus: São Paulo, 2020. FT, 57.

¹³ Cf. FRANCISCO, 2020, FT, 62.

¹⁴ Cf. FRANCISCO, 2020, FT, 69.

¹⁵ Cf. FRANCISCO, 2013, EG, 63.

¹⁶ Cf. FRANCISCO. *Encíclica Laudato Si’*. *Sobre o cuidado da casa comum*. Paulus: São Paulo, 2015. LS, 240.

¹⁷ Cf. FRANCISCO, 2015, EG, 91.

¹⁸ FRANCISCO, 2015, LS, 239.



atual pontífice sustenta-se em três âmbitos que esquematizam as linhas mestras do seu pontificado no que tange a missão de pastorear, ensinar, confirmar e governar. São eles: *a teologia del pueblo*, *a filosofia da polaridade*, e *a teoria da oposição*. Os autores Juan Carlos Scannone e Massimo Borghesi, ajudam-nos a compreender a base epistemológica do pensamento de Francisco.

A teologia *del pueblo* – teologia do povo – foi a teologia predominante na Argentina na década de setenta. Ela tinha como lugar teológico o povo fiel. Um modo próprio de fazer teologia. Escreve o filósofo italiano Massimo Borghesi:

*O tema da piedade popular ultrapassa o da espiritualidade e se faz lugar teológico. A fé cristã do povo é um lugar teológico, lugar hermenêutico de uma fé vivida, “aculturada”, A espiritualidade popular é cultura, nexos orgânico que liga, une todos os aspectos da existência.*¹⁹

O coração do povo é a síntese vital das tensões da vida abraçada pelo Espírito, um lugar teológico. Nenhuma teoria, nenhum doutrinismo, principalmente ideológico, tem o direito de desprezar este coração.²⁰ A fé do povo santo fiel, sua pureza, suas inquietações e seu modo de celebrar e viver revelam o humano e o divino, o espírito e o corpo, a comunhão e a instituição, a fé e a prática, a inteligência e o afeto.²¹

O teólogo argentino e professor de Jorge Mario Bergoglio, Juan Carlos Scannone, no artigo *Papa Francesco e la teologia del popolo*, recorda-nos que a teologia do povo fiel utiliza-se da categoria de *povo*, *cultura popular* e *religiosidade popular* para compreender a inserção da Igreja no percurso histórico dos povos.²² A manifestação de fé do povo, suas esperanças e reivindicações é um princípio hermenêutico determinante para desenvolver uma cultura do encontro que manifesta a presença do sagrado.²³

A teologia *del pueblo* fiel desenvolve em Francisco a dinâmica da saída e do encontro: “sair da própria comodidade e ter a coragem de

¹⁹ BORGHESI, M. *Jorge Mario Bergoglio: uma biografia intelectual*. São Paulo: Vozes, 2018. p. 72.

²⁰ Cf. BORGHESI, 2018, p. 73.

²¹ Cf. BORGHESI, 2018, p. 72.

²² Cf. SACANNONE, J. C. *Papa Francesco e la Teologia del popolo*. In: *La Civiltà Cattolica*, 165, v. 3930, 2014, p. 573.

²³ Cf. SACANNONE, 2014, p. 574-575.



alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho”.²⁴ Portanto, pensar um caminho de sinodalidade para a Igreja, é de certo modo, “entrar na vida diária dos outros, encurtar as distâncias, abaixar-se,”²⁵ uma postura que requer um renovado impulso para se dar.

Outro importante âmbito a considerar é a *filosofia da polaridade*. Algo de fundamental importância ao discernimento inaciano. Consiste em um percurso de discernimento e transposição analógica do existencial ao social, ou seja, da ideia à experiência, da lógica da existência e do discernimento pessoal à experiência comunitária e relacional.²⁶

A filosofia da polaridade presente no pensamento de Francisco revela a passagem do polo da ideia ao da experiência em um momento dialético que, diversamente do hegeliano, o qual não termina na síntese da razão, mas de um princípio superior dado pelo Deus sempre maior.²⁷ A síntese encontra sempre um encontro entre a graça e a natureza, Deus e o homem, alteridade e liberdade.²⁸ Nesta compreensão, o cristão e a Igreja são chamados a serem lugar de unidade na divisão da história. Assim sendo, em perspectiva de sinodalidade, a Igreja em todas as suas instâncias, deve decididamente, em um processo de discernimento, construir consensos em uma harmonia pluriforme que faça resplandecer “o sentido da unidade profunda da realidade”²⁹.

A *teoria da oposição*, assumida pelo papa Francisco, recebe fortes influxos do filósofo e teólogo Romano Guardini.³⁰ Nela está a intenção de superar os contrastes profundos de uma realidade que pode emergir em condições opostas, mas não necessariamente em situação contraditória, como por exemplo, as seguintes tensões polares: *tempo e momento, ideia e realidade, globalização e localização*.³¹ Realidades que apontam para polos distintos, aquilo que torna móvel e dinâmica a sua unidade, mas não contraditória. A contradição, como aquela entre bem e mal, obriga

²⁴ FRANCISCO, 2013, EG, 20.

²⁵ FRANCISCO, 2013, EG, 20.

²⁶ Cf. SACANNONE, J. C. A ética social do Papa Francisco: O Evangelho da misericórdia segundo o espírito do discernimento. In: *Cadernos de Teologia Pública*, ano XV, 135, v. 15, 2018, p. 14-16.

²⁷ Cf. SACANNONE, 2018, p. 79.

²⁸ Cf. SACANNONE, 2018, p. 79.

²⁹ FRANCISCO, 2013, EG, 226.

³⁰ Cf. BORGHESI, 2018, p. 110.

³¹ Cf. BORGHESI, 2018, p. 126.



ao contraditório uma decisão, a uma escolha: “o mal não é contrapolo do bem, como quer a gnose; é sua negação”³².

A teoria da oposição contribuiu para a elaboração dos critérios sociais da exortação apostólica *Evangelii Gaudium* que evidenciam quatro princípios relacionados com tensões bipolares próprias de toda a realidade social. Princípios estes que servem de parâmetro de referência para interpretação do desenvolvimento da sinodalidade como a construção de um povo e de uma Igreja onde as diferenças se harmonizam dentro de um projeto comum. Apresentaremos estes princípios à luz da exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, considerando-os fundamentais para uma Igreja em estado permanente de sinodalidade.

2 Os quatros princípios para um estado permanente de sinodalidade

Na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, o papa Francisco, apresenta-nos quatro critérios que, a seu juízo, devem promover o bem comum e a paz social. Estes critérios estão relacionados com tensões bipolares próprias. Percebe-se, no entanto, a influência do pensamento de Romano Guardini.

No ano de 1986, Bergoglio esteve na Alemanha para recolher materiais sobre Romano Guardini. Supõe-se que a secção que trata sobre os critérios sociais na *Evangelii Gaudium* é tirada da tese de doutorado, não concluída, sobre Guardini.³³

Na exortação apostólica, Francisco desenvolve quatro critérios: 1) *o tempo é superior ao espaço*; 2) *a unidade prevalece sobre o conflito*; 3) *a realidade é mais importante do que a ideia*; 4) *o todo é superior à parte*.

Vejamos como estes princípios diante de tensões próprias da realidade social e eclesial podem desenvolver uma harmonia pluriforme compreendida como um caminho de sinodalidade “capaz de entrar na comunhão perfeita da Santíssima Trindade, em que tudo encontra a sua unidade”³⁴.

³² BORGHESI, 2018, p. 114.

³³ Cf. BORGHESI, 2018, p. 112.

³⁴ FRANCISCO, 2013, EG, 117.



2.1 O tempo é superior ao espaço

Existe uma tensão bipolar entre a plenitude e o limite. A plenitude gera a vontade de possuir tudo, e o limite é o muro que nos aparece pela frente. Afirmar que o tempo é superior ao espaço significa dar prioridade ao tempo. É ocupar-se mais com “iniciar processos do que possuir espaços”³⁵. Esse princípio permite trabalhar em longo prazo, sem obsessão pelos resultados imediatos, midiáticos e espetaculosos.

Trata-se de privilegiar ações que geram novos dinamismos na sociedade e na Igreja, sem preocupar-se em obter resultados imediatos que produzam ganhos políticos fáceis, rápidos e efêmeros.³⁶

Para um Igreja em estado permanente de sinodalidade, priorizar o tempo significa não deixar-se conduzir pela cultura dominante que ocupa o primeiro lugar “aquilo que é exterior, imediato, visível, rápido superficial e provisório”³⁷. Onde o real cede lugar à aparência e o ético ao estético.

O tempo, a serenidade e a paciência, devem amadurecer projetos comprometidos com a plenitude da existência humana, mais preocupados com ações que frutificarão em acontecimentos históricos do que render-se a modismos provisórios e a espaços de poderes e autoafirmação.³⁸

Em um planejamento pastoral de conjuntura o tempo supera o imediatismo. Não se pode oferecer soluções rápidas para as profundas angústias da humanidade. Dar tempo e priorizar o tempo é, de certo modo, contrapor-se a um modelo de sociedade centrado na pressa, no consumo, na produção, no descartável e conseqüentemente na indiferença. Investir no tempo, mais do que se preocupar em ocupar espaços, significa priorizar projetos comuns que vão além dos desejos pessoais e de autoafirmação. É acompanhar a humanidade em todos os seus processos, por mais duros e demorados que sejam.³⁹ “Conhecer as longas esperas e a suportação apostólica”.⁴⁰

³⁵ FRANCISCO, 2013, EG, 223.

³⁶ FRANCISCO, 2013, EG, 224.

³⁷ FRANCISCO, 2013, EG, 62.

³⁸ Cf. FRANCISCO, 2013, EG, 223.

³⁹ Cf. FRANCISCO, 2013, EG, 24.

⁴⁰ FRANCISCO, 2013, EG, 24.



A sinodalidade requer paciência, tempo e esperança para alcançar resultados fecundos. “Cuida do trigo e não perde a paz por causa do joio”.⁴¹

2.2 A unidade prevalece sobre o conflito

A unidade é uma expressão da sinodalidade. É onde se constrói a comunhão e a harmonia do povo de Deus e da Igreja. Unidade que não quer dizer uniformidade, mas multiforme harmonia que atrai.⁴²

Ao afirmar que a unidade prevalece sobre o conflito dentro de uma proposta de sinodalidade, significa tornar possível uma comunhão nas diferenças capaz de ultrapassar a superfície conflitual e considerar o outro na sua dignidade mais profunda.⁴³

A presença do conflito é inevitável nas relações sociais e institucionais. Ele aparece também nas mais diversas instâncias eclesiais. O conflito não pode ser ignorado, dissimulado ou camuflado, ao contrário, precisa ser identificado, aceito, suportado, resolvido e transformado em um elo de ligação de um novo processo.⁴⁴

Dado que o conflito é uma realidade fragmentada, optar pela superação do conflito significa buscar o sentido da unidade profunda da realidade.

A unidade requer esforço e exigência. Pois nela está o empenho para harmonizar todas as diversidades. Ou seja, superar qualquer conflito em uma nova e promissora síntese. Síntese que se justifica num processo de reconciliação que faz surgir “uma diversidade reconciliada”⁴⁵.

O caminho de sinodalidade é um caminho de reconciliação. “Somente pessoas magnânimas têm a coragem de ultrapassar a superfície conflitual”⁴⁶. É o esforço empreendido para superar as tensões de realidades multifacetadas. No entanto, para que a unidade prevaleça sobre o conflito é preciso que os atores sociais não sejam omissos diante do conflito e nem se tornem prisioneiros do mesmo.

⁴¹ FRANCISCO, 2013, EG, 24.

⁴² Cf. FRANCISCO, 2013, EG, 117.

⁴³ Cf. FRANCISCO, 2013, EG, 228.

⁴⁴ Cf. FRANCISCO, 2013, EG, 228.

⁴⁵ FRANCISCO, 2013, EG, 230.

⁴⁶ FRANCISCO, 2013, EG, 228.



A sinodalidade revela que a diversidade não é uma ameaça para a unidade da Igreja, mas uma síntese que possui um conteúdo transcultural capaz de selar uma espécie de um “pacto cultural”⁴⁷ que faça prevalecer um projeto comum, “fazendo da integração um fator de progresso”⁴⁸ e de reconhecimento do outro.

2.3 A realidade é mais importante do que a ideia

Afirmar que a realidade é mais importante do que a ideia em perspectiva de uma Igreja sinodal significa afirmar que a ideia desligada da realidade dá origem a “idealismos e nominalismos ineficazes”⁴⁹. É quando a ideia e com ela a Igreja, corre o risco de separar-se da realidade: “é perigoso viver no reino só da palavra, da imagem, do sofismo”⁵⁰.

Em uma proposta de sinodalidade este critério está ligado à encarnação da Palavra e ao seu cumprimento: “ir à frente, tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados, e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos”⁵¹.

Assumir que a realidade é mais importante do que a ideia, é também, um modo de evitar várias formas de ocultar a realidade e desvincular-se do compromisso de uma Igreja em estado permanente de missão, tais como: os purismos angélicos, os totalitarismos do relativismo, os projetos mais formais do que reais – como aqueles que estão mais preocupados em ocupar espaços do que criar um novo dinamismo –, os fundamentalismos anti-históricos, os eticismos sem bondade, os intelectualismos sem sabedoria.⁵²

Uma Igreja em estado permanente de sinodalidade tem o desafio de pôr em prática a Palavra, a realizar obras de justiça e de caridade nos quais se torne fecunda esta Palavra. Alia-se o testemunho de vida, para que no reino de puras ideias não se caia no risco das ideologias ou na fé de retórica.

⁴⁷ FRANCISCO, 2013, EG, 230.

⁴⁸ FRANCISCO, 2013, EG, 210.

⁴⁹ FRANCISCO, 2013, EG, 232.

⁵⁰ Cf. FRANCISCO, 2013, EG, 231.

⁵¹ FRANCISCO, 2013, EG, 24.

⁵² Cf. FRANCISCO, 2013, EG, 231.



A sinodalidade assume um compromisso com a realidade. Despojada dos “excessos de diagnósticos que nem sempre é acompanhado por propostas resolutivas e realmente aplicáveis”⁵³, inaugurar um novo tempo que oferece linhas de um discernimento evangélico diante dos desafios do mundo atual que afetam a vida e a dignidade do povo de Deus.

É preciso recordar que ao início do ser cristão não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte, e desta forma, o rumo decisivo.⁵⁴

2.4 O todo é superior à parte

Afirmar que o todo é superior à parte consiste em assumir a ideia de que há uma tensão entre globalização e localização. A primeira que os cidadãos vivem em um universalismo abstrato e globalizante, a segunda, um localismo condenado a repetir sempre as mesmas coisas.⁵⁵

No entanto, priorizar o todo significa que não se deve viver demasiadamente obcecado por questões limitadas e particulares. É preciso alargar sempre o olhar para reconhecer um bem maior que trará benefício a todos. A preocupação com o todo está diretamente ligada com o princípio de bem comum. É preciso prestar atenção à dimensão global para não cair em uma mesquinha cotidianidade. Ao mesmo tempo, convém não perder de vista o que é local, o que nos faz caminhar com os pés na terra.⁵⁶

Na encíclica *Fratelli Tutti*, o Papa Francisco recorda-nos que é preciso olhar para o global, que nos resgata da mesquinhez caseira.⁵⁷ Trabalha-se no pequeno, no que está próximo, mas com uma perspectiva mais ampla.⁵⁸

Um caminho de sinodalidade deve ter como horizonte o bem comum, o todo, “que é mais do que a parte, sendo também mais do que

⁵³ FRANCISCO, 2013, EG, 50.

⁵⁴ Cf. BENTO XVI. *Encíclica Deus caritas est sobre a caridade cristã*. Paulus: São Paulo, 2005, 98.

⁵⁵ Cf. FRANCISCO, 2013, EG, 234.

⁵⁶ Cf. FRANCISCO, 2020, FT, 142.

⁵⁷ Cf. FRANCISCO, 2020, FT, 142.

⁵⁸ Cf. FRANCISCO, 2013, EG, 235.



simples soma delas”⁵⁹. Deve ser um estímulo ao desenvolvimento: a totalidade das pessoas em uma sociedade, e também na Igreja, um bem comum que verdadeiramente incorpore todos.⁶⁰

A sinodalidade, ao priorizar a dimensão do todo em relação à parte, reafirma o princípio de bem comum que pressupõe o respeito pela pessoa humana enquanto tal, com direitos fundamentais e inalienáveis orientados para o desenvolvimento integral.⁶¹ Exige também os dispositivos de bem-estar e segurança social, e o desenvolvimento dos vários grupos intermediários, aplicando o princípio da subsidiariedade.⁶² Em síntese, faz avançar o bem em direção a todos.

3 Sinodalidade como harmonia pluriforme

A proposta da sinodalidade é muito mais do que um enunciado ou um *slogan* de ação pastoral. Ela contém uma fundamentação teológica e um perfil eclesiológico que revela ontologicamente o modo de *Ser* da Igreja. Refletir sobre uma Igreja em estado permanente de sinodalidade é refletir sobre a natureza da Igreja e suas consequências. Ou seja, sua ação e missão no mundo.

À luz da exortação apostólica *Evangelii Gaudium* é possível evidenciar quatro princípios que identificam a proposta da construção de um povo e de um modelo de Igreja onde as diferenças se harmonizam dentro de um projeto comum. Trata-se de quatro princípios que clarificam a ação pastoral da Igreja dentro de uma proposta de conjuntura sinodal. São eles: tempo, unidade, realidade e todo. Princípios que, como já mencionamos, podem estar sujeitos às tensões e oposições bipolares próprias da história e do tempo: espaço, conflito, ideia, parte.

O papa Francisco tem insistido na sinodalidade como um caminho de inclusão, participação e comunhão. Uma Igreja com rosto misericordioso, com as portas abertas, sem muros e alfândegas pastorais, em direção aos outros para chegar às periferias humanas. Na compreensão de sinodalidade de Francisco está a preocupação em resgatar “quem ficou

⁵⁹ FRANCISCO, 2013, EG, 235.

⁶⁰ Cf. FRANCISCO, 2013, EG, 236.

⁶¹ Cf. FRANCISCO, 2015, LS, 157.

⁶² Cf. FRANCISCO, 2015, LS, 157.



caído à beira do caminho,”⁶³ romper com a frieza de uma porta fechada que guarda estruturas “que nos dão falsas proteção”⁶⁴.

Uma Igreja sinodal não é uma Igreja que corre pelo mundo sem direção nem sentido. Muito menos uma Igreja que esconde a sua identidade, ou ainda, com o intuito de aparentar-se progressista e inserida no mundo, relativiza a vida diante de uma cultura de morte. A sinodalidade deve reconhecer “o valor inviolável de qualquer vida humana em qualquer situação e em cada etapa do seu desenvolvimento”⁶⁵.

Portanto, reconhecer a natureza sinodal da Igreja e assumir um projeto de sinodalidade, é antes de tudo, abrir-se a uma pneumologia de unidade da Igreja. Escreve Francisco:

*É o Espírito Santo, enviado pelo Pai e pelo Filho, que transforma os nossos corações e nos torna capazes de entrar na comunhão perfeita da Santíssima Trindade, em que tudo encontrará a sua unidade. O Espírito Santo constrói a comunhão e a harmonia do povo de Deus. Ele mesmo é harmonia, tal como é o vínculo de amor entre o Pai e o Filho. É Ele que suscita uma abundante e diversificada riqueza de dons e, ao mesmo tempo, constrói uma unidade que nunca é uniformidade, mas multiforme harmonia que atrai.*⁶⁶

A sinodalidade deve ser o modo de comunicar o vínculo de amor entre o Pai e o Filho na vida e missão da Igreja. Reconhecer as múltiplas riquezas que o Espírito gera na Igreja, é portanto, acolhê-las, ouvi-las, inseri-las e favorecê-las para que tenham voz nos espaços eclesiais. Trata-se de dar ao Espírito Santo o protagonismo das relações que movem a vida e a missão da Igreja.

Na sinodalidade está o mistério da redenção de Cristo, por isso, o espírito sinodal pertence à nossa essência. Recusá-lo seria como recusar uma série inumerável de relações constantes que secretamente se entrelaçam. Sobre esta condição relacional escreve o papa Francisco: “As Pessoas divinas são relações subsistentes; e o mundo criado segundo o modelo divino, é uma trama de relações”⁶⁷.

⁶³ FRANCISCO, 2013, EG, 46.

⁶⁴ FRANCISCO, 2013, EG, 46.

⁶⁵ FRANCISCO, 2013, EG, 213.

⁶⁶ FRANCISCO, 2013, EG, 117.

⁶⁷ FRANCISCO, 2015, LS, 240.



Relações que, para Francisco dentro de um projeto de harmonia pluriforme, devem avançar para a construção de um povo e de uma Igreja em paz, justiça e caridade. Em que o caminhar juntos identifique no mundo o *modo-de-Ser* Igreja.

Pastoralmente, para expressar essa harmonia pluriforme, como uma das compreensões de uma Igreja sinodal, Francisco, utiliza-se da ideia de um poliedro: “O modelo é o poliedro, que reflete a confluência de todas as partes que nele mantém a sua originalidade”⁶⁸.

Ou seja, todas as instâncias eclesiais, e todas as parcelas do povo de Deus, incluindo movimentos, associações, pastorais, comunidades de vida, congregações e ordens, devem reunir nesse poliedro o melhor de cada um. Ainda para esta confluência, que não deve deixar ninguém para trás, deve haver espaço a todas as pessoas de boa vontade, que pela mensagem transcultural que o cristianismo carrega, possam acessar uma reserva moral que guarda valores de autêntico humanismo cristão.

Por fim, a sinodalidade compreendida pastoralmente como o modelo de um poliedro, resulta em uma harmonia pluriforme. Um processo que recolhe a diversidade em um constante processo de reconciliação, “até selar uma espécie de um pacto cultural”⁶⁹. Pacto esse, que é fruto de uma diversidade reconciliada, e convida-nos, “à revolução da ternura,”⁷⁰ e consequentemente, maior “acolhimento público”⁷¹.

Em uma Igreja sinodal somos convocados a caminhar juntos. A não deixar ninguém para trás. A viver uma horizontalidade nas relações que aponte para uma fraternidade universal.⁷² É preciso reconhecer a alegria e o privilégio de ser parte do povo de Deus, e permitir que o Espírito Santo, seja o protagonista da realidade sinodal: ele constrói a comunhão e harmonia do povo de Deus, assim como ele mesmo é harmonia e vínculo de amor entre o Pai e o Filho.

⁶⁸ FRANCISCO, 2013, EG, 236.

⁶⁹ FRANCISCO, 2013, EG, 236.

⁷⁰ FRANCISCO, 2013, EG, 88.

⁷¹ FRANCISCO, 2013, EG, 56.

⁷² Cf. FRANCISCO, 2015, LS, 228.



Conclusão

O papa Francisco tem insistido em seus pronunciamentos que o tema da sinodalidade não é o capítulo de um tratado de eclesiologia, muito menos uma moda, um *slogan* ou o novo termo a ser usado ou instrumentalizado nas esferas eclesiais. Pelo contrário, compreende que a sinodalidade expressa a natureza da Igreja, a sua forma, o seu estilo e a sua missão. Portanto, é a própria vocação, seu modo de *Ser* que reveste essencialmente seu estado permanente de missão: abaixar-se, encurtar distâncias, doar-se, evangelizar e evangelizar-se. A sinodalidade é uma constante renovação eclesial.

Nesse horizonte surge a proposta de compreendermos a sinodalidade à luz dos princípios pastorais contidos na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, mais especificamente, na seção que trata sobre o bem comum e a paz social.

A sinodalidade extraída da *Evangelii Gaudium*, apresenta a proposta de uma harmonia pluriforme que é resultado de um processo de reconciliação que faça surgir uma diversidade reconciliada.

Contudo, a diversidade reconciliada é a síntese operada pelo Espírito que harmoniza todas as diversidades. Um caminho de unidade construído não a partir de consensos de gabinetes e escritórios, mas por um esforço comunitário em desenvolver uma comunhão nas diferenças com coragem para superar a superfície conflitual e os interesses particulares.

A sinodalidade como harmonia pluriforme, e na figura simbólica de um poliedro, é o resultado de um “*caminhar juntos*” que expressa a natureza da Igreja e seu modo de agir no mundo: não deixar ninguém para trás, cuidar dos mais frágeis, fazer da integração um fator de progresso, fomentar a participação, sentir-se povo (membro, parte, necessário), estabelecer relações horizontais de comunhão, fraternidade, amizade e romper com práticas verticais de imposição, domínio e subordinação.

Para uma Igreja sinodal e para uma pastoral que busca vivenciar um estado permanente de sinodalidade, a exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, oferece quatro princípios pastorais: *o tempo é superior ao espaço; a unidade prevalece sobre o conflito; a realidade é mais importante do que a ideia; o todo é superior à parte.*

Estes princípios revelam realidades e tensões próprias dos desafios da contemporaneidade. Com eles estão também, os desafios e as tensões



de toda a estrutura eclesial que afetam a Igreja e a caminhada do povo de Deus.

A invocada “conversão pastoral”⁷³, feita pelo papa Francisco a toda a Igreja, é um convite para que a instituição e todos os agentes de pastorais, em todas as suas instâncias, à luz do Espírito Santo, adotem práticas mais comunicativas, abertas, participativas, e sem medo do debate. Afinal, sendo o Espírito Santo o protagonista da sinodalidade, suas novidades e surpresas, não ameaçam a unidade da Igreja. A ortodoxia estará sempre preservada.

Referências

BENTO XVI. *Encíclica Deus caritas est sobre a caridade cristã*. Paulus: São Paulo, 2005.

BOFF, L. *Francisco de Assis e Francisco de Roma: uma nova primavera na Igreja*. Rio de Janeiro: Mar de ideias, 2014.

BORGHESI, M. *Jorge Mario Bergoglio: uma biografia intelectual*. São Paulo: Vozes, 2018.

FRANCISCO. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium. Sobre a alegria do Evangelho*. Paulus: São Paulo, 2013.

FRANCISCO. *Encíclica Fratelli Tutti. Sobre a fraternidade e amizade social*. Paulus: São Paulo, 2020.

FRANCISCO. *Encíclica Laudato Si’ . Sobre o cuidado da casa comum*. Paulus: São Paulo, 2015.

OTTAVIANI, E. Apontamentos sobre o pontificado do papa Francisco. *In: Vida Pastoral*, 58, n. 316, 2017.

SACANNONE, J. C. Papa Francesco e la Teologia del popolo. *In: La Civiltà Cattolica*, 165, v. 3930, 2014.

SACANNONE, J. C. A ética social do Papa Francisco: O Evangelho da misericórdia segundo o espírito do discernimento. *In: Cadernos de Teologia Pública*, ano XV, 135, v. 15, 2018.

⁷³ FRANCISCO, 2013, EG, 27.